

“TENHO DÓ DAS ESTRELAS”:

ENSAIO DE ANÁLISE ESTILÍSTICA SOBRE UM POEMA DE FERNANDO PESSOA

“TENHO DÓ DAS ESTRELAS” [“I FEEL SORRY FOR THE STARS”]:
STYLISTICAL ANALYSIS ESSAY ON A POEM BY FERNANDO PESSOA

Elena Fiorin¹
João Paulo Hergesel²

RESUMO: Este ensaio acadêmico tem como objetivo analisar o poema *Tenho dó das estrelas*, de Fernando Pessoa, sob a perspectiva da estilística. Especificamente, busca-se identificar relações entre o período histórico e a obra integral, *Mensagem*; examinar características presentes nos poemas pessoanos, relacionando com o poema selecionado; e discorrer sobre os aspectos fonológicos, semânticos, sintáticos e morfológicos do poema. Para isso, este trabalho se embasa no estudo de Eduardo Lourenço (1983), na entrevista feita com Roberto Bacci (2012), na percepção de estilística da Nilce Sant'Anna Martins (2008), no protocolo analítico proposto de João Paulo Hergesel (2021) e nas reflexões de Donald Schuler (1966). Como resultado principal, percebeu-se que o eu lírico personifica uma estrela para discutir temáticas como existência, cansaço e passagem de tempo, relacionando-se com a conquista de terras durante as Grandes Navegações.

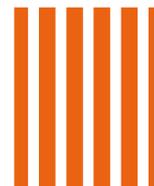
PALAVRAS-CHAVE: Literatura portuguesa. Análise estilística. Fernando Pessoa.

ABSTRACT: This academic essay aims to analyze the poem *I have pity for the stars*, by Fernando Pessoa, from a stylistic perspective. Specifically, we seek to identify relationships between the historical period and the complete work *Mensagem*, examine characteristics present in Pessoa's poems, relating them to the selected poem, and discuss the phonological, semantic, syntactic and morphological aspects of the poem. For this, this work is based on the study by Eduardo Lourenço (1983), on the interview made with Roberto Bacci (2012), on the stylistic perception by Nilce Sant'Anna Martins (2008), on the analytical protocol proposed by João Paulo Hergesel (2021), and in the reflections by Donald Schuler (1966). As a main result, it was noticed that the lyrical self uses the figure of the star to discuss themes such as existence, tiredness and the passage of time, relating to the conquest of lands during the Great Navigations.

KEYWORDS: Portuguese Literature. Stylistic analysis. Fernando Pessoa.

¹ Graduanda em Letras: Português/Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pesquisadora do Programa Integrado de Iniciação Científica (PIC/PUC-Campinas). Bolsista do Fundo de Apoio à Iniciação Científica (FAPIC/PUC-Campinas). Membro do grupo de pesquisa Entre(dis)cursos: sujeito e língua(gens). E-mail: efiorin2001@gmail.com

² Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutor em Comunicação (UAM), com pós-doutorado em Comunicação e Cultura (Uniso). Membro do grupo de pesquisa Entre(dis)cursos: sujeito e língua(gens). E-mail: joao.hergesel@puc-campinas.edu.br



1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Fernando Pessoa foi muitos. Além das obras publicadas com seu ortônimo, utilizou dezenas de heterônimos e centenas de pseudônimos para fazer com que sua criação circulasse no cenário literário modernista europeu. Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Bernardo Soares, como se sabe, foram suas personalidades mais famosas, com características particulares, complexas, muitas vezes contrastantes entre si e que renderam críticas, pesquisas e admiração. De fato, Fernando Pessoa foi muitos... E continua sendo!

Com a percepção de que o referido autor tem sua relevância evidente nos estudos de literatura lusófona, acreditamos que seria válido iniciar a jornada acadêmico-científica com um exercício de análise estilística de um de seus poemas. Ao perceber que *Tenbo dó das estrelas* se desdobrou para outras artes, sendo musicado e interpretado por cantores como Zé Miguel Wisnik³ e Jussara Silveira⁴, indagamos: quais são os efeitos de sentido possíveis de serem apreendidos por esse poema, considerando a fonologia, morfologia, sintaxe e semântica de seus versos e estrofes?

Este trabalho, portanto, escrito de maneira ensaísta, tem como objetivo analisar o poema *Tenbo dó das estrelas*, de Fernando Pessoa, sob a perspectiva da estilística. Com isso, busca-se identificar relações entre o período histórico e a obra integral, *Mensagem*; examinar características presentes nos poemas pessoanos, relacionando com o poema selecionado; e discorrer sobre os aspectos fonológicos, semânticos, sintáticos e morfológicos do poema. Para isso, este trabalho se embasa no estudo de Eduardo Lourenço (1983), na entrevista feita com Roberto Bacci (2012), na percepção de estilística da Nilce Sant'Anna Martins (2008), no protocolo analítico proposto de João Paulo Hergesel (2021) e nas reflexões de Donald Schuler (1966).

Adotamos a análise estilística como método por entendermos que ela busca relacionar linguagem e afetividade em prol da expressão, algo tão priorizado em poemas, além de considerar, dependendo da perspectiva, o contexto sócio-histórico-cultural da obra analisada. A respeito da análise estilística e seu percurso metodológico, Hergesel (2021) propõe as seguintes etapas de realização:

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hYIQqnCrpEc>. Acesso em: 15 mar. 2023.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UeyEU2vZuFE>. Acesso em: 15 mar. 2023.

1) escolha do objeto de pesquisa, considerando sua contribuição artístico-cultural, seu impacto socioeducacional, sua relevância científico acadêmica, sua relação político-histórica e/ou seu caráter ético-ambiental; 2) leitura direcionada, para que seja possível elencar pontos que demandem maior atenção, tendo em mente os objetivos que se almeja alcançar com a análise; 3) leitura atenciosa, identificando fatores linguísticos que se justifiquem em si mesmos, como escolhas lexicais e figuras de linguagem, ou se vinculem a outras potências comunicativas internas do texto analisado; 4) leitura contextual, buscando alinhavos entre o conteúdo, a forma e as relações interpessoais e intertextuais que se estabelecem, frisando a experiência do autor e demais informações do contexto de produção; 5) leitura crítica, questionando as cargas sociais, culturais, históricas, políticas, geográficas e/ou outras características dos contextos de produção e fruição que se despontam. (HERGESEL, 2021, p. 242–243).

Com o propósito de materializar a análise estilística do poema *Tenho dó das estrelas*, de Fernando Pessoa, seguimos essa proposta metodológica, que procede, necessariamente, uma apresentação genérica do autor e de sua obra.

2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DE *TENHO DÓ DAS ESTRELAS*

Fernando Pessoa (1888–1935) foi um escritor português que ficou conhecido por seus heterônimos: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Bernardo Soares — cada um com uma história de vida, uma bibliografia específica e um estilo particular. A despeito de sua vasta produção literária, seu livro *Mensagem* foi o único publicado enquanto estava vivo; as demais obras, amplamente reconhecidas e reeditadas, foram publicadas postumamente.

Mensagem foi publicado em 1.º de dezembro de 1934⁵, às vésperas da Guerra Espanhola e da Segunda Guerra Mundial, tendo como propósito retomar o passado de glórias e conquistas portuguesas das Grandes Navegações. Contudo, a obra não trata apenas desse elogio à pátria ou um apelo esperançoso por um futuro melhor, mas uma síntese e um diálogo com a história e a cultura portuguesas.

Nos poemas pessoanos, podemos perceber constantemente a temática da morte, algo visível quando se cita a escuridão, bem como a terra dos sonhos e a inconsciência. Além disso, há a temática do despertar, simbolizada pela ação de estar lutando, sobrevivendo e em busca de um

⁵ Os portais eletrônicos especializados em Fernando Pessoa, como o Arquivo Pessoa (v. Referências), informam que o poema *Tenho dó das estrelas* é de 1938 e integra a primeira edição do livro *Mensagem*; porém, ao mesmo tempo, registram que o livro *Mensagem* é de 1934, ocasionando uma incoerência e impossibilitando a certeza sobre o ano de publicação do poema.

alvo. Ambas as temáticas estão relacionadas e são fundamentais para a compreensão do conflito do poeta: de sua consciência e inconsciência, entre a vida e a morte.

Não há, no eu lírico construído pelo poeta, resposta única ao problema da morte. No poema *Tenho dó das estrelas*, por exemplo, ele a deseja, pois vê na morte um fim no cansaço de existir, como defende Schüler (1966).

Em um de seus poemas, cujo título é *Navegar é preciso*, percebemos a relação com o contexto do navegador general Pompeu que, com a finalidade de salvar Roma da crise econômica, navegou para transportar trigo de províncias a Roma, como explica Sousa ([ca. 2020]). O célebre proclamou: “Navegar é preciso, viver não é preciso”, visto que havia muitas adversidades nas navegações por não conter tecnologia o suficiente e ataques piratas frequentes. A relação entre a escolha desse título e a história do general pode ser verificada ao longo no poema, como neste trecho:

[...]
Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.
[...]
(PESSOA, [ca. 1940])⁶.

Notamos, nesse poema, que o eu lírico de Fernando Pessoa deseja ardentemente ter bons frutos da sua vida, como o general; contudo, pode não necessariamente sobreviver para tal — uma morte vitoriosa pode torná-la grande. Do mesmo modo como as relações histórias com o general Pompeu são perceptíveis nesse poema, *Tenho dó das estrelas* tem uma ligação forte com as Grandes Navegações, assunto principal da coletânea.

Ao citar as estrelas, o eu lírico de *Tenho dó das estrelas* relaciona o costume dos navegadores de se guiar por essas esferas de plasma. O poema é composto por três quartetos e um heptástico, como pode se observar na transcrição:

Tenho dó das estrelas
Luzindo há tanto tempo,
Há tanto tempo...
Tenho dó delas.

⁶ Não localizamos uma informação precisa quanto ao ano de publicação do poema. Ao que nos parece, ele data de finais dos anos 1930 e início dos anos 1940.

Não haverá um cansaço
Das coisas.
De todas as coisas,
Como das pernas ou de um braço?

Um cansaço de existir,
De ser,
Só de ser,
O ser triste brilhar ou sorrir...

Não haverá, enfim,
Para as coisas que são,
Não a morte, mas sim
Uma outra espécie de fim,
Ou uma grande razão —
Qualquer coisa assim
Como um perdão?
(PESSOA, [1934 ou 1938], s. p.100)

Ao focarmos nas estrelas do poema, percebemos a invocação do eu lírico às Grandes Navegações, visto que os marinheiros observavam as constelações e pensavam a respeito delas. Segundo Bacci (2012), esse poema é

[...] uma prece diante do sofrimento do homem que tem um contato e uma relação profunda com o sofrimento do cosmos – como se o cosmos sofresse por jamais saber por que se consuma com o tempo, se é consumido e que o homem faz parte dessa passagem do tempo em que nós nos consumimos. Amanhã, estaremos já um pouquinho mais consumidos – como são consumidas as estrelas; também as estrelas se consomem. (BACCI, 2012, p. 191).

Bacci (2012) entende que o poema tem o objetivo de demonstrar quanto a passagem de tempo pode consumir o homem e o próprio cosmo, por nunca poder compreender por que se consome tanto. Essa análise pode ser relacionada com a passagem de tempo em alto mar, geralmente cansativa e intensa. Em complementação a isso, Silva (2002, s. p.) aponta que, nesse poema, “[...] são transferidos para as estrelas o sentimento de impotência, o cansaço de ser, a angústia pela falta de sentido da vida. Se o poeta busca uma outra espécie de fim para as estrelas, algo que lhes confira algum sentido, não o busca menos para si mesmo”.

Desse modo, percebemos que o eu lírico de Fernando Pessoa questiona a falta de sentido para a existência das estrelas, refletida na própria ânsia por encontrar o sentido da sua própria vida. Essa vontade é característica presente dos textos pessoanos, como discutido anteriormente, pois o poeta cita frequentemente a morte e a sobrevivência nos seus escritos.

Além disso, de acordo com Schüler (1966, p. 74), “[...] o contar com o perdão leva a crer que Fernando Pessoa sinta imperfeição da vida, uma culpa no existir [...]”. Essa imperfeição da vida pode ser interpretada como uma desilusão pessoal e a súplica por um perdão próprio ou, ainda, causada pelo próprio mundo e os problemas que o deixam querendo pedir “perdão” pelas coisas que os homens fazem.

Ao analisar o poema, iniciando pelo viés da estilística fônica, percebemos que o autor se utiliza do esquema ABBA CDDC EFFE GHGGHGH para elaborar sua obra, o que possibilita uma sequência ritmada de versos, além de promover um aspecto de musicalidade e dar ênfase aos termos repetidos.

Nos versos “Tenho dó das estrelas / [...] / Tenho dó delas”, há a figura de linguagem denominada *anáfora*, como explica Martins (2008), pois há a repetição das palavras “tenho dó” no início da frase, para enfatizar o termo repetido. Ademais, nos versos “Luzindo há tanto tempo / Há tanto tempo... / Tenho dó delas”, o eu lírico dá ênfase a “tanto tempo”, sugerindo que assim como as estrelas estão luzindo há muito tempo, ele também está cintilando em seu pensamento sobre a compaixão de estarem brilhando há muito tempo.

Também há a *anáfora* presente nos versos “Não haverá, enfim... / [...] / Não a morte, mas sim...”, que há a repetição do termo “não”, assim como na estrofe “Um cansaço de existir, / De ser. / Só de ser. / O ser triste brilhar ou sorrir...” há a repetição do termo “ser” com o sentido de “existir” e de “estar”. Dessa forma, o eu lírico brinca com a repetição da mesma palavra, mas com sentidos diferentes.

Além da repetição de termos nesses versos, podemos compreender essa estrofe como uma alegoria, que amplia o significado da oração, como explica Martins (2008). Por essa alegoria, o eu lírico faz referência ao fato de que muitas pessoas, como as estrelas, sorriem e brilham, mas na realidade estão tristes internamente, e se pergunta se as estrelas (ou essas pessoas) não cansam dessa insinceridade.

É possível analisar, ainda, a presença da antítese no verso “O ser triste brilhar ou sorrir”, pelo fato de que há a oposição da palavra “triste” com “brilhar ou sorrir”, sugerindo que o indivíduo pode usar sua expressão externa (o brilho, o sorriso) para mascarar o que há internamente (a tristeza). Já nos versos “Não haverá um cansaço. / Das coisas. / De todas as coisas, / Como das pernas ou de um braço?”, observamos a recorrência da palavra “coisas”. Essa construção parece intensificar que não são “coisas quaisquer”, mas absolutamente tudo.

Por fim, no trecho “Como das pernas ou de um braço?” percebe-se a consolidação da prosopopeia, ou seja, a personificação da estrela, pois considera que ela teria pernas ou braços. Essa figura de linguagem é fundamental para a potência do poema e o transpassa por completo, considerando que a estrela sofre do cansaço de existir.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, pudemos verificar a clara relação entre as Grandes Navegações e o poema *Tenho dó das estrelas*, de Fernando Pessoa, conforme constatado pelos estudiosos que compuseram a fundamentação teórica deste ensaio. Por meio da análise estilística, pudemos identificar os aspectos linguísticos característicos do poema, como o frequente uso da prosopopeia para criação de alegoria, o ritmo com a sequência escolhida de rimas e a repetição de termos para enfatizar os pontos necessários.

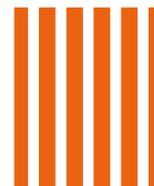
Consideramos que os procedimentos adotados para a análise – ou seja: a leitura direcionada, atenciosa, contextual e crítica do poema – foram seguidos e nos permitiu atingir os objetivos propostos. Desse modo, a resposta à indagação inicial, sobre os efeitos de sentido do poema, é que o eu lírico de Fernando Pessoa personifica uma estrela para discutir temáticas como existência, cansaço e passagem de tempo, relacionando-se com a conquista de terras durante as Grandes Navegações, fenômeno de grande valor histórico e cultural para Portugal, tanto no século XV quanto na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BACCI, Roberto. Entrevista com Roberto Bacci. [Entrevista cedida a] Cássia Lopes, Hebe Alves, Sergio Melo e Cacá Carvalho. **Repertório: Teatro & Dança**, Salvador, ano 15, n. 18, p. 187-196, 2012. DOI: <https://doi.org/10.9771/r.v0i0.6416>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/6416/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

HERGESEL, João Paulo. Análise estilística: o que é e como realizá-la? – com aplicabilidade na obra de Bruno Molinero. **Caxangá: Revista de Crítica e Arte**, Poços de Caldas, n. 3, v. 1, p. 237-249, 2021. Disponível em: <https://revistacaxanga.files.wordpress.com/2021/07/caxanga-v3-n1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2023.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 4. ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.



PESSOA, Fernando. Navegar é preciso. **Domínio Público**, [ca. 1940]. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PESSOA, Fernando. Tenho dó das estrelas. **Arquivo Pessoa**, [1934 ou 1938]. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4480>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SILVA, Sofia Sousa e. Sobre Pessoa e Sophia. **Semear – Revista da Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses**. Rio de Janeiro, v. 6, 2002. Disponível em: <http://catedravieira-ic.letras.puc-rio.br/obra/112/sobre-pessoa-e-sophia>. Acesso em: 16 mar. 2023.

SOUSA, Rainer Gonçalves. Navegar é preciso, viver não é preciso. Brasil Escola, [ca. 2020]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/navegar-preciso-viver-nao-preciso.htm>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SCHÜLER, Donaldo. A racionalidade no ortônimo Fernando Pessoa. **Organon**, Porto Alegre, v. 11, n. 11, p. 63-79, 1966. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.38958>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/38958>. Acesso em: 15 mar. 2023.

